Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

ENTRE FIOS E HISTÓRIAS: O BLACK POWER NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

BETWEEN THREADS AND STORIES: AFRO HAIR IN THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES

Juliana dos Reis Loureiro
Graduanda em Pedagogia, Faculdade Superior de Linhares – ES – Brasil
E-mail: Julianaloureiro1306@gmail.com

Mayari Conceição dos Passos
Graduanda em Pedagogia, Faculdade Superior de Linhares – ES – Brasil
E-mail: mayaricpassos@gmail.com

Joana Lúcia Alexandre de Freitas
Professora na Faculdade Superior de Linhares – ES – Brasil
E-mail: joana.freitas@faceli.edu.br

Recebido: 01/06/2025 – Aceito: 13/06/2025

Resumo

O presente artigo aborda a importância do cabelo afro na construção da identidade e do pertencimento negro. O objetivo é estabelecer diálogos em torno do cabelo afro nas práticas pedagógicas, além de propor ações alinhadas à Lei nº 11.645/08, que busca assegurar o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. O ambiente escolar, muitas vezes, reforça padrões eurocêntricos, desvalorizando toda a estética negra. Tornar os ambientes educacionais espaços inclusivos e equitativos é essencial para que estudantes pretos e pardos se sintam representados e seguros para expressarem sua identidade. A metodologia adotada foi uma pesquisa qualitativa, com participação e opinião de universitários. A maioria dos participantes reconhece o cabelo como elemento de identidade, resistência e autoestima, embora muitos relatem conflitos internos causados pelos padrões estéticos impostos pela sociedade. Esses resultados reforçam a necessidade urgente de ações pedagógicas que celebrem a estética negra.

Palavras-chave: Cabelo afro; Identidade; Estética Negra.

Abstract

This article discusses Afro hair as an important element in the construction of Black identity and belonging, as well as how it can be incorporated into educational settings. The goal is to foster dialogue

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

around Afro hair in pedagogical practices and to propose actions aligned with Law No. 10.639/03, which aims to ensure the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in schools. The school environment often reinforces Eurocentric standards, devaluing Black aesthetics. Making educational spaces inclusive is essential for Black and mixed-race students to feel represented and safe to express their identity. The methodology used was a qualitative study with university students, through an online questionnaire with open-ended questions and participant observation around an expository banner. Most participants recognize hair as an element of identity, resistance, and self-esteem, although many report internal conflicts caused by society's imposed beauty standards. These findings highlight the urgent need for pedagogical actions that celebrate Black aesthetics.

Keywords: Racial identity; Education; Black Power

1. Introdução

A identidade negra pode ser compreendida como uma construção social e histórica marcada por processos de resistência e ressignificação cultural. Essa identidade não se limita a um reconhecimento individual, mas envolve uma dimensão coletiva, enraizada nas experiências de luta contra o racismo e na valorização das heranças africanas (Gomes, 2015).

No Brasil, onde as marcas do colonialismo e da escravidão ainda são profundas, a identidade negra se configura como uma resposta às estruturas de opressão e desligamento da cultura europeia, assumindo um papel central na afirmação do orgulho e da ancestralidade dos povos negros. Gomes (2019) em seu artigo *"Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da negra",* ressalta como o cabelo afro se torna um símbolo poderoso de resistência, carregando significados profundos sobre a afirmação da identidade e a luta contra os padrões eurocêntricos.

Nesse contexto, o cabelo afro emerge como uma expressão importante da identidade, cuja representação demonstra resistência, ancestralidade e orgulho. Para além de ser uma questão estética, ele carrega uma ligação profunda com as origens africanas e com a luta contra os padrões eurocêntricos que muitas vezes buscaram invisibilizar e desvalorizar a cultura negra. Esses padrões, derivados de uma visão que privilegia características físicas e estéticas associadas à cultura europeia — como cabelos lisos, pele clara e traços considerados como *delicados* ou *finos* — reforçam a exclusão das características afrodescendentes.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

O eurocentrismo nas práticas pedagógicas, apresentado nos livros didáticos e paradidáticos, retrata um modelo homogêneo de fenótipo que destoa da heterogeneidade racial e cultural presente na sala de aula. Além de excluir e marginalizar a diversidade, esse modelo impacta principalmente crianças negras, indígenas e de outras etnias não europeias.

Logo, para promover uma educação inclusiva, é necessário repensar as práticas pedagógicas — como diversificar os materiais didáticos, incluir a história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo, e garantir a formação antirracista dos educadores.

Isto posto, é fundamental cultivar a representatividade e a valorização da diversidade estética e cultural nas atividades escolares, criando um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos os estudantes. Apesar dos avanços nas discussões sobre a diversidade, é pertinente colocar em pauta de que forma o cabelo afro pode ser valorizado nas práticas pedagógicas como instrumento de construção da identidade negra e combate ao racismo estético no ambiente escolar.

Quando a escola desvaloriza esses aspectos discutidos ao longo desta introdução, contribui para a perpetuação de estigmas e do racismo. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é estabelecer diálogos em torno do cabelo afro nas práticas pedagógicas; além de propor ações alinhadas à Lei n.º 11.645/08, que assegura o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Como metodologia, adotou-se neste artigo a pesquisa de opinião com observação participativa, que utilizou como instrumentos de coleta de dados um questionário e um banner. A intenção foi investigar as percepções de estudantes universitários sobre racismo estético, identidade racial, empoderamento negro e a valorização do cabelo afro como expressão de resistência e pertencimento.

Criou-se o banner “**Entre Fios e Histórias: O Black Power na Construção de Identidades”,** por acreditarmos que se trata de uma prática pedagógica que pode promover uma educação mais inclusiva e antirracista, que valoriza o cabelo afro em suas diversas formas – como *Black Power,* crespo, cacheado, trançado, *rastafáris*.

Nele há representações de figuras negras reais e inspiradoras, como Mae Jemison, Carolina Maria de Jesus, Milton Santos, entre outras personalidades com

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

cabelo afro em diferentes estilos. Mais do que apenas celebrar, essa ação buscou problematizar os padrões normativos impostos e valorizar trajetórias que, com seus *fios de história,* fortalecem o orgulho negro e a construção de subjetividades positivas entre estudantes.

2. Revisão da Literatura

No ambiente escolar, as imposições da cultura eurocêntrica sobre o cabelo se traduzem em preconceitos, desde comentários desrespeitosos até a marginalização de penteados afros como tranças, *dreads* e *black power*, considerados fora do padrão. É inaceitável que, ainda hoje, em muitos ambientes escolares, onde a formação da identidade é essencial, o cabelo afro é alvo de preconceito e discriminação, afetando profundamente a autoestima dos estudantes negros. O caso em Jundiaí–SP, em que a professora sugeriu que uma aluna de 12 anos deveria alisar o cabelo crespo, alegando que ele estava bagunçado e não combinava com seus olhos verdes (Metrópoles, 2021), é um exemplo claro de como o racismo estético se manifesta no ambiente escolar.

A consideração da professora de que o cabelo da aluna não se adequava aos padrões considerados bonitos ou aceitáveis reforça o poder do padrão eurocêntrico, que privilegia características físicas ligadas ao fenótipo branco, enquanto marginaliza as características fenotípicas da população negra. Além disso, essa atitude reflete um preconceito enraizado contra os cabelos naturais e crespos, perpetuando o estigma de que características físicas associadas à identidade negra são inferiores ou insignificantes.

Para muitos estudantes negros, comentários que pejoram o cabelo e outras características fenotípicas não são apenas uma crítica estética, mas uma forma de desvalorização de sua identidade racial. Para Gomes (2019), o cabelo Black Power emerge como símbolo de resistência política e cultural. Os cabelos afros representam a autoafirmação da identidade negra diante de padrões hegemôneos e eurocêntricos, afinal, o corpo e o cabelo também são territórios de disputa e pertencimento cultural na sociedade.

Esse episódio, assim como o caso de Sertãozinho–SP, publicado pelo site

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

Mundo Negro (2024), em que uma professora foi condenada após comentar sobre o cabelo de uma aluna negra, expõem como o racismo estrutural continua presente nas escolas brasileiras. No caso de Sertãozinho, uma professora afirmou que o cabelo da aluna cheirava mal e chegou a perguntar se ela estava usando algum produto químico. A ação de racismo não só humilhou a criança, mas também afetou sua autoestima, gerando sofrimento emocional, o que levou à família a processar a professora e a escola.

Esse tipo de conduta reforça estereótipos negativos e perpetua a marginalização de características físicas associadas à identidade negra. Além disso, demonstra a importância de responsabilização de educadores e instituições, destacando a necessidade de práticas pedagógicas antirracistas e do combate ativo ao preconceito para constituir uma sociedade mais justa e igualitária que corroborem para a construção de identidades, valores e de respeito à diversidade cultural.

A escola tem um papel fundamental na formação dos alunos, não apenas no conhecimento acadêmico, mas também na construção da identidade de cada um (Hall, 2006). Para Nilma Lino Gomes (2003), o corpo negro e o cabelo crespo são marcadores de identidade que devem ser reconhecidos e celebrados no processo educativo para que o estudante possa se reconhecer e sentir-se representado em seus fenótipos.

Porém, contraditoriamente, no âmbito escolar é recorrente a valorização de características eurocêntricas, contribuindo para perpetuação de estigmas e do racismo estético e estrutural. O que pode ser facilmente detectado pela falta de representatividade negra nos livros infantis, novelas, capas de revistas, bonecos (as), filmes, etc.

Nos livros infantis a maioria dos personagens são representados com pele clara, cabelos lisos e/ou loiros, olhos claros e *feições finas* como, por exemplo, histórias de princesas como Cinderela, Branca de Neve e Rapunzel. Nas capas de revistas são recorrentes as estampas com fotos de modelos de peles claras, cabelos lisos ou ondulados e *traços finos*[1], a parcela de modelos negros restringe-se a edições temáticas. Como destaca Bento (2002), a presença de pessoas negras

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

nos meios de comunicação ainda é muito limitada e, quando acontece, costuma estar restrito a datas específicas como o Dia da Consciência Negra.

Além disso, essa representação quase sempre vem carregada de estereótipos. A mídia brasileira continua reforçando o padrão branco e eurocentrado de beleza e comportamento, o que contribui para a exclusão da população negra dos espaços de valorização e referência social.

Nas novelas e filmes a história se repete, personagens de pele branca são os principais, e em sua grande maioria, reforçam os padrões pré-estabelecidos, os de pele preta atuam com estereótipos raciais em que negros são representados como marginalizados, agressivos, hiper sexualizados, *exóticos*, pobres, empregados, entre outras posições de menor prestígio. Lázaro Ramos (2017) reflete sobre essa representação limitada, apontando como a mídia brasileira ainda reserva aos corpos negros papéis secundários e estigmatizados, contribuindo para a manutenção de um imaginário social excludente.

O cabelo, na perspectiva de Gomes (2019) surge como destaque de identidade negra. Nesse contexto, o Black Power e as variadas formas de cabelo cacheado, crespo e estilo afro se consolidam como sinal de pertencimento e de enfrentamento às diversas manifestações de opressão às características fenotípicas afrodescendentes. Além de ser uma ferramenta de reafirmação da identidade negra desde a infância.

Conforme Silva, Luiz e Abramowicz (2022), a presença de personagens negros com cabelos volumosos e naturais em materiais pedagógicos amplia as referências positivas disponíveis às crianças, promovendo pertencimento e autoestima. Trata-se de uma prática pedagógica que não apenas valoriza a diversidade étnico-racial, mas também reforça a visão cultural que historicamente invisibilizou a estética negra.

A literatura afro-brasileira, nesse cenário, se destaca como potente recurso de intervenção educativa. Fior (2022) aponta que narrativas que tematizam a valorização da reconfiguração capilar do imaginário infantil permite que crianças negras se reconheçam em histórias que celebram suas raízes, promovendo o afeto como ferramenta de resistência. O impacto desse reconhecimento ultrapassa a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

dimensão estética, contribui para a constituição do fortalecimento da autoestima e a desconstrução de estereótipos.

Além disso, conforme Ambrosio *et al.* (2022), o cabelo afro ultrapassa a estética, pois se articula à coletividade, à memória e à resistência histórica. As práticas pedagógicas que valorizam a estética do cabelo afro atuam diretamente para mitigar as violências simbólicas que, cotidianamente, impactam negativamente a vida de estudantes negros. Tais ações contribuem significativamente para o bem-estar, a dignidade e o desenvolvimento do processo de aprendizagem desses sujeitos. A infância, enquanto fase essencial na constituição da subjetividade, demanda intervenções educativas que reconheçam e celebrem a pluralidade de existências e formas de ser.

Sendo assim, o discurso educacional que integra o cabelo afro como elemento formador rompe com os paradigmas coloniais que hierarquizam corpos. Como argumenta Gomes (2019), a valorização do cabelo natural é um gesto pedagógico, estético e político. A centralidade da estética negra nos projetos educativos impulsiona a transformação da escola em um espaço verdadeiramente democrático, inclusivo e antirracista.

3. Metodologia

A metodologia escolhida foi uma Pesquisa de Opinião com ênfase em observação participativa. Por se tratar de um estudo que sonda a opinião de seres humanos, é também qualitativa, pois, de acordo com Rodrigo, Oliveira e Santos (2021, p.6) “A pesquisa qualitativa deriva de uma investigação, de uma situação-problema social e histórica, de uma coleta e análise de dados reais e concretos não estabelecidos em uma pesquisa rígida”.

Desse modo, Minayo (2014) por sua vez, elucida que a Pesquisa Participativa busca compreender a realidade social a partir do ponto de vista dos participantes, promovendo diálogo e escuta como elementos centrais do processo investigativo. E com base nas informações coletadas, abordaremos de forma aprofundada as diferentes narrativas que permeiam o tema discutido pelos sujeitos envolvidos.

A pesquisa foi realizada no município de Linhares, que tem uma população

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

estimada de 166.786 habitantes (IBGE, 2022) e ocupa uma área de 3.496,263 km²; está localizado no extremo norte do Espírito Santo, região sudeste do Brasil. A cidade é a maior exportadora de mamão papaya no Brasil, e também tem o polo moveleiro como destaque, assim como como grande produtora de petróleo e gás natural, além de várias outras áreas que influenciam na economia do município.

Neste município está localizada a Faceli, faculdade pública municipal e gratuita que oferta o curso de Pedagogia, pelo qual realizamos esta pesquisa como trabalho de conclusão de curso. Portanto, realizou-se uma coleta de dados cujo instrumento foi um formulário digital, criado na plataforma *Google Forms*, com 8 questões abertas sobre a temática cabelo e empoderamento, visando obter informações sobre a representatividade do cabelo afro-brasileiro.

O público-alvo foram os graduandos do curso de Administração, Direito e Pedagogia da Faceli e, além de sondar como eles se sentem ao se verem representadas, quais lembranças ou sentimentos são rememorados.

Na página inicial do formulário intitulado “Entre fios e Histórias: O Black Power na construção de Identidades” apresenta-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que elucidou o objetivo, a justificativa, os benefícios e riscos de realizar a pesquisa, além de convidarmos os participantes a colaborarem com o estudo voltado para a valorização da estética negra, destacando que a ideia é entender como certas vivências e olhares ajudam a fortalecer a identidade negra sob a ótica de qual a força e o valor cultural e simbólico do cabelo *Black Power.*

Além de qualitativa e participativa, a pesquisa também é de opinião, que cconforme Guimarães (2017), caracteriza-se por coletar, registar e analisar fatos sobre questões de interesse, com cuidado e precisão considerando a objetividade do investigador, a precisão da medida e a natura contínua e minunciosa da pesquisa.

Portanto, não houve necessidade de submissão à Plataforma Brasil, visto que a Resolução Nº 674, de 06 de maio de 2022, rege no “Art. 26 São dispensadas de apreciação, pelo Sistema CEP/Conep, as pesquisas que se enquadrem exclusivamente nas seguintes situações: I - Pesquisa de opinião pública com participantes não identificáveis; (BRASIL, 2022, p.8)”.

No TCLE, deixou-se claro que os dados foram usados para fins acadêmicos

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

garantindo sigilo das informações fornecidas, juntamente com a exposição de um banner com conteúdo visual e textual, no qual destacavam-se seis personalidades negras que deixaram legados em diferentes áreas do conhecimento e da luta social com intenção de exaltar a identidade negra por meio da valorização da história, cultura e ancestralidade.

Quanto às questões do questionário, havia objetivas e discursivas, e todas tratavam de diferentes aspectos da temática do cabelo afro. Sendo 5 itens sobre opiniões de empoderamento, preconceito e desconstrução de estereótipos; E outros 3 acerca o impacto da mídia, indústria de beleza e da educação na construção de padrões. O link do questionário foi disponibilizado entre 25 de Abril de 2025 a 11 Maio de 2025 em grupos de WhatsApp de graduandos de instituições de ensino superior público e privado com o intuito de otimizar a coleta de dados.

Outra técnica escolhida para a coleta de dados foi a Observação Participativa durante o período de exposição do cartaz, que esteve localizado no mural de informações do segundo piso da instituição de ensino superior FACELI. Durante essa prática, os pesquisadores enfatizaram a análise qualitativa dos impactos gerados por diferentes percepções e mudanças de comportamento dos participantes, observadas por meio de olhares, comentários e interações com o banner. Esses registros foram sistematizados sob a forma de relato de experiência, permitindo compreender como a representação do cabelo afro pode provocar reflexões críticas e promover o fortalecimento da identidade negra no ambiente acadêmico.

O *banner*, intitulado “Entre Fios e Histórias: O Black Power na Construção de Identidades”, foi exposto entre os dias 22/04/2025 à 08/05/2025, no mural de informações do segundo piso da Faceli. Para facilitar e ampliar o acesso a ele, foi incluído no formulário online, facilitando a proposta expositiva, que destaca imagens e breves biografias de figuras negras históricas que contribuíram para diferentes áreas do conhecimento. A composição visual e textual ressalta o cabelo Black Power como símbolo de resistência, identidade e transformação social.

De acordo com Gil (2008), a análise dos resultados deve ser organizada de maneira clara e objetiva, e para isso a análise dos dados obtidos por meio do formulário e das observações foram organizadas em tabelas e gráficos, com o

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

intuito de facilitar a leitura e o entendimento das informações, dando mais ênfase para a parte qualitativa e possibilitando uma análise interpretativa alinhada aos objetivos do estudo.

4. Resultados e Discussão

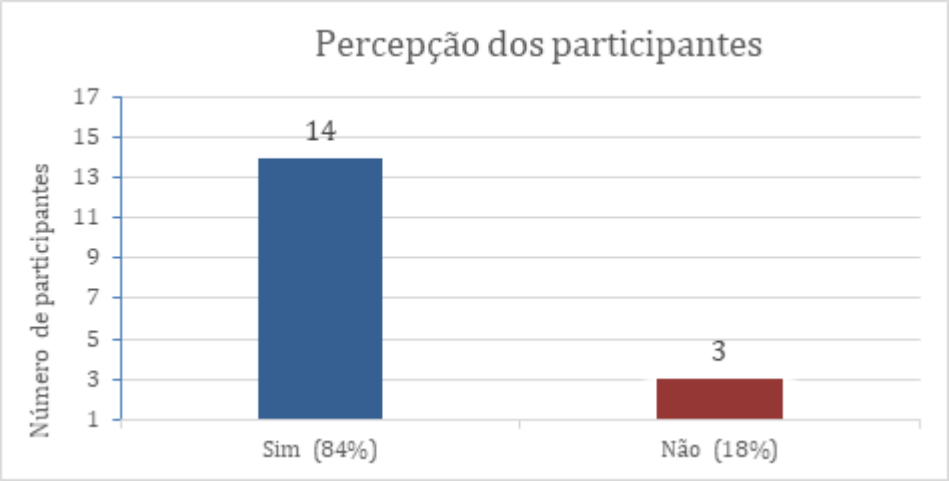
Conforme destaca Stuart Hall (2006), a identidade é construída em meio às interações sociais, a partir dos sistemas culturais que interpelam o sujeito. Compreender como essa construção ocorre entre foi um dos objetivos que nortearam esta investigação. A exposição do banner “Entre fios e histórias: o Black Power na construção de identidades”, colocado em espaço de ampla circulação na faculdade, buscou provocar reflexões sobre ancestralidade, pertencimento e orgulho racial para que servisse como propulsor e possibilitasse a percepção e coleta das interações, que seriam registradas posteriormente no formulário.

A presença do banner, com imagens de personalidades negras de diferentes áreas do conhecimento, acompanhadas de informações simbólicas sobre suas trajetórias, atuou como um recurso pedagógico e estético. Tal dispositivo, segundo Hooks (2017), configura-se como prática de ensino transgressora, pois desafia os padrões hegemônicos ao colocar no centro da cena a estética negra como expressão política. Durante o período de exposição, foram registradas interações espontâneas entre os estudantes e o material.

Essas interações, somadas às respostas obtidas via questionário, revelam narrativas potentes sobre reconhecimento e enfrentamento de estigmas. Ao permitir que os participantes expressassem livremente suas impressões, memórias e sentimentos relacionados ao cabelo afro-brasileiro, foi possível reunir material qualitativo que será explorado nos tópicos seguintes. As falas e percepções analisadas demonstram como a valorização do cabelo afro transcende o campo estético e se articula à construção da identidade racial, da autoestima e do empoderamento.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

GRÁFICO 1*- Você gosta do seu cabelo?*



Fonte : Dados da pesquisa, 2025.

As falas demonstram como valorizam o cabelo afro, em muitos casos, como gesto de resistência e ressignificação da própria imagem. No entanto, ao observarmos o gráfico 1, dos 17 entrevistados, cerca de 18% afirmaram não gostar do seu cabelo, o que corresponde a 3 pessoas. Por outro lado, 14 participantes (82%) disseram que gostam do seu cabelo. Embora os dados sejam predominantemente positivos, percebemos que alguns indivíduos ainda rejeitam seu fenótipo. Essa recusa, por menor que pareça, pode estar relacionada a um processo desvalorização, como destaca Hall (2006), pois a identidade é moldada em constante diálogo com os discursos que nos interpelam, e, nesse caso, os discursos dominantes ainda operam muitas vezes para desqualificar aquilo que foge à *norma eurocêtrica*.

Quadro 1- *Descreva o motivo pelo qual você gosta ou não do seu cabelo.*

Eixo temático.	Unidade de registro.	Elemento de análise.	Fragmento discursivo (fala do participante)
Pressão estética social.	Não	Exigência constante de finalização para aceitação.	“O cabelo tem que estar sempre finalizado para sair, se não as pessoas comentam…”
Rejeição parcial / influência do alisamento.	Sim	Sentimento de inadequação comparado ao cabelo alisado.	“Eu até gosto, mas me sentia mais bonita quando tinha o cabelo alisado.”

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

Reconhecimento identitário.	Sim	O cabelo como símbolo de personalidade, marca pessoal.	“Gosto do meu cabelo porque ele carrega o meu jeitinho, a minha marca.”
Ressignificação e autoestima.	Sim	Processo de superação de estigmas e valorização da própria estética.	“Cresci ouvindo comentários negativos [...], mas hoje eu amo ele por esses mesmos motivos.”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

Com os dados obtidos, podemos ver que na questão *você gosta do seu cabelo?* 14 dos 17 participantes responderam que sim, (82%), enquanto 3 (18%) disseram que não. Embora a maioria afirme gostar do seu cabelo, as justificativas evidenciam que nem sempre isso foi natural ou espontâneo. Algumas falas deixam evidente o conflito que o padrão estético impõe, com a exigência de que o cabelo seja sempre finalizado, a associação do cabelo crespo ao bagunçado, e a preferência anterior pelo cabelo alisado como sinônimo de alinhado, impressões impostas pela cultura popular de massa, as mídias, como alude Hall (2006).

Em contrapartida, outros participantes relatam a aceitação do cabelo como símbolo de personalidade, destacando-o também como parte de empoderamento e ressignificação de sua identidade e individualidade. Como afirma Gomes (2003), o cabelo crespo e cacheado, além de marcador fenotípico, é também símbolo de pertencimento, autoestima e resistência à estética eurocêntrica. Essa tensão entre orgulho e rejeição parcial demonstra que gostar do próprio cabelo ainda é, para muitos, um caminho de luta e reconstrução de sua identidade.

QUADRO 2 *- Na sociedade, crianças pardas e pretas ainda enfrentam preconceitos devido a seus cabelos. Em sua visão, quais ações podem ser exercidas para criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso? Descreva.*

Eixo temático	Elemento de análise	Fragmento discursivo (fala do participante)
Valorização da estética negra.	Trabalhar autoestima desde cedo.	“… essa questão deveria ser iniciada com a valorização da estética negra [...] trabalhando a autoestima das crianças em casa...”

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

Educação antirracista nas escolas.	Projetos e atividades que abordem diversidade racial e estética.	"Criar projetos e/ou incluir nas escolas atividades que visam o combate contra o preconceito racial..."
Representatividade.	Materiais escolares e brinquedos que refletem crianças negras.	"… livros, brinquedos diários com representatividade negra/parda [...] perceber que pessoas como NÓS também 'podem' ser protagonistas."
Formação institucional ampliada.	Envolver todo o corpo acadêmico em ações de inclusão.	"… atividades que envolvam todo o corpo acadêmico (enquanto FACELI)..."
Cultura do respeito.	Prática cotidiana do respeito como atitude, não apenas discurso.	"… diria que é somente respeito mesmo [...] no olhar, você já vê o que a pessoa pensa sobre nosso cabelo."

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

As respostas apontam uma compreensão coletiva do enfrentamento ao racismo desde a infância, o que evidencia ações afetivas, institucionais e educativas. O ponto mais recorrente refere-se à educação antirracista e a necessidade de introduzir práticas pedagógicas que valorizem a diversidade racial e estética no ambiente escolar. Como propostas de projetos, livros, brincadeiras e atividades que tragam a representatividade negra para o ambiente escolar. Essa perspectiva dialoga com Gomes (2019), que reforça o papel da escola como espaço privilegiado para a valorização da estética negra e para o fortalecimento da identidade desde os primeiros anos da vida escolar.

Outra questão em destaque diz respeito a valorização da estética negra por meio da construção da autoestima no ambiente familiar. Um dos participantes destaca o quanto é importante o olhar positivo sobre o próprio cabelo desde cedo, antes mesmo do contato com os discursos dos ambientes escolares. Essa concepção dialoga com Neusa Santos Souza (2021), na qual destaca que o racismo internalizado pode ser desfeito por experiências afirmativas de afeto e reconhecimento.

Além disso, entram em destaque falas que criticam as superficialidades com que algumas instituições abordam o tema, propondo que as ações de conscientização inclusiva não se restringem apenas a palestras/discursos, mas que envolvam todo o corpo docente e práticas cotidianas. A relevância no respeito como postura diária, e não como discurso, também se destaca, revelando que para os

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

participantes, mais do que ações simbólicas, é necessária uma cultura autêntica de valorização da diferença.

Dessa forma, o quadro 2 evidencia que a construção de ambientes inclusivos passa por práticas contínuas, afetivas e estruturais, que envolvem tanto a escola quanto a família, e que se materializam no cotidiano por meio da valorização, representatividade e respeito ativo.

QUADRO 3 *– A mídia e a indústria da beleza desempenham papel importante na forma como os padrões estéticos são construídos. De que forma a Educação pode combater a imposição de padrões eurocêntricos de beleza?*

Eixo temático.	Elemento de análise.	Fragmento discursivo (fala do participante)
Pensamento crítico e autoestima.	Desenvolver pensamento crítico desde a infância.	"A educação precisa começar pela construção do pensamento crítico e da autoestima para que essas crianças saibam quem são desde o princípio"
Influência da mídia sobre crianças.	Crianças acessam conteúdos digitais sem filtro crítico.	"Eles nem sequer aprenderam a escovar os próprios dentes, mas já sabem fazer dança de tiktok"
Currículo inclusivo.	Inserir atividades que discutam beleza e diversidade estética.	"criação de projetos, atividades com conteúdo que valorizam as culturas, etnias..."
Leitura crítica da mídia.	Analisar criticamente comerciais e padrões veiculados.	"revistas, comerciais, jornais [...] levantando hipóteses, pensamentos críticos dos alunos"
Representatividade midiática.	Inclusão de pessoas negras na mídia contribui para naturalização	"a mídia tem feito o papel de incluírem pessoas negras/cacheadas em propagandas, em novelas"
Racismo familiar.	Preconceitos vêm também da educação em casa.	"50% do preconceito vem de casa, da família, pais/mães"
Formação de pais e responsáveis.	Mídia também precisa educar os adultos.	"a mídia ajudaria primeiramente educando os pais ou tentando pelo menos"

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

As respostas destacam que os participantes entendem a educação como um papel fundamental na desconstrução de padrões estéticos eurocêntricos. Duas das três respostas enfatizam que o pensamento crítico e o fortalecimento da autoestima são a chave para resistir à imposição de padrões estabelecidos pela mídia. Quando

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

uma criança desenvolve o pensamento crítico, ela aprende a questionar o que vê e ouve. A mídia digital, e diretamente a plataforma *TikTok* é citada como espaço de propagação de padrões excludentes, exigindo que a escola atue como um espaço de resistência e conscientização desde a infância. Segundo Passos e Passos (2022) o espaço escolar deve assumir compromisso com a valorização da cultura afrodescendente. O cabelo Black Power precisa ser valorado em projetos pedagógicos interdisciplinares, promovendo diálogos sobre história, cultura e representatividade.

Além disso, um dos participantes, com experiência prática na profissão de cabeleireiro, especializado em cabelos crespos e cacheados traz um enfoque mais amplo, que destaca não só a mídia e a escola, como também a família, que atua não só na construção como na desconstrução da autoestima de crianças negras. O que destaca a necessidade de ações educativas até com as famílias, que são a base do enfrentamento ao racismo estético, visto que muitos adultos hoje não tiveram sua identidade construída devido a influência do eurocentrismo e refletem esta desconstrução nos filhos. A convivência estética vivenciada desde a infância gera impactos emocionais que fazem os negros entender a valorização do cabelo como símbolo de resistência. (AMBROSIO et al., 2022)

***QUADRO 4**- O cabelo Black Power (crespo natural) é um símbolo de identidade e resistência. Como a sociedade pode atuar para desconstruir estereótipos negativos relacionados aos cabelos afro-brasileiros?*

Eixo temático	Elemento de análise	Fragmento discursivo (fala do participante)
Valorização cultural afro.	Projetos, oficinas e feiras culturais sobre cabelo afro.	“projetos, oficinas, feiras afro que viabilizam trazer a cultura do cabelo afro, tranças, cabelo cacheado etc.”
Educação estética e histórica.	Divulgação de informações sobre o cabelo crespo e seus cuidados.	“ofertando à sociedade o conhecimento sobre a cultura e sua importância, como também, dicas de cuidado com os seus cabelos.”
Representatividade e prática.	Prática de tranças e valorização de estilos naturais.	“reprodução/produção de tranças nas pessoas com cabelo crespo/cacheado”

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

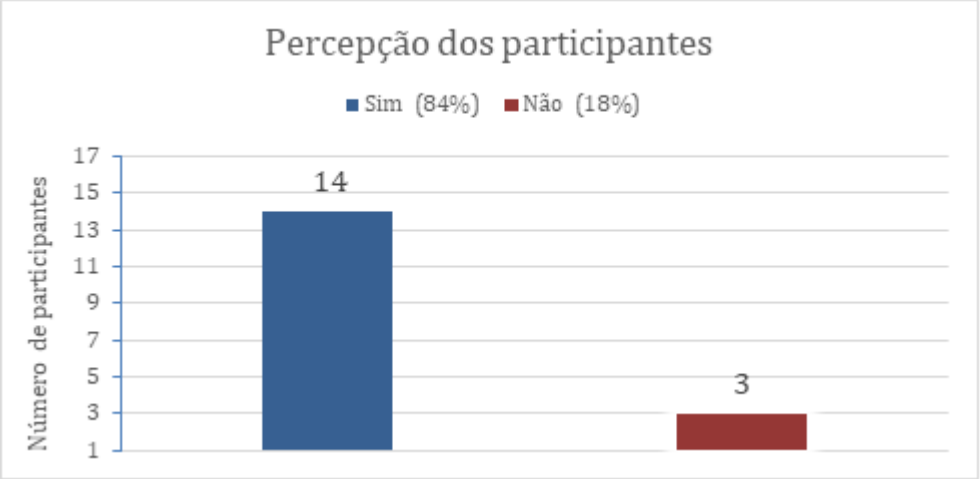
Empoderamento individual.	Fortalecer autoestima e expressão pessoal.	“Empoderar as pessoas para que elas sejam capazes de se defender e expressar suas necessidades e sentimentos.”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

Na tabela 4, as respostas mostram que os participantes compreendem a dimensão cultural, estética e política do cabelo crespo como símbolo de identidade. Destacam também práticas que a sociedade pode atuar ao desconstruir estereótipos negativos impostos sobre os cabelos afro-brasileiros como tranças para valorizar o cabelo natural, divulgação de informações sobre como cuidar, fortalecimento de autoestima, como também a valorização cultural por meio de projetos, oficinas e feiras culturais sobre o cabelo afro.

Eles apontam a educação pública e a valorização da cultura afro como caminhos para desconstruir estigmas, além da importância do empoderamento pessoal, reforçando a autoestima para enfrentar o preconceito, ou seja, é a transgressão da prática eurocêntrica que Hooks (2017) incentivou que se faça para que a pluralidade aconteça.

GRÁFICO 2*- Você já presenciou ou vivenciou alguma situação em que a estética negra (cabelo) foi questionada ou desvalorizada?*



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

“Você já presenciou ou vivenciou alguma situação em que a estética negra

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

(cabelo) foi questionada ou desvalorizada?", 82% dos participantes, 14 pessoas, responderam que sim, enquanto 18%, 3 pessoas, responderam que não. Os números deixam evidente que a maioria sofreu algum tipo de preconceito em relação à estética negra, uma vez que, o racismo estético atua diretamente na forma como os corpos negros são vistos e tratados, sendo o cabelo, muitas vezes, o principal alvo dessa violência. Quando o cabelo afro é desvalorizado gera traumas que podem permanecer por anos e afetarem profundamente a forma como a pessoa se reconhece no mundo. (GOMES, 2003)

QUADRO *5* *-Se respondeu sim à pergunta anterior, descreva como se sentiu e o que poderia ter sido feito para amenizar os transtornos causados.*

Eixo temático	Elemento de análise	Fragmento discursivo (fala do participante)
Impacto emocional e autoestima.	Sequelas emocionais por desvalorização estética.	“Meu cabelo foi invalidado e isso acabou com qualquer pingo de autoestima que eu poderia vir a ter.”
Racismo institucional velado.	Pressão estética no ambiente educacional.	“foi direcionada [...] a tentar ‘abaixar’ um pouco o volume do seu cabelo [...] como se fosse um padrão entre as funcionárias.”
Estigmatização da estética negra.	Ridicularização e constrangimento por usar Black Power	“Me senti envergonhada e exposta. [...] meu cabelo não deveria sequer entrar em pauta ou ser discutido como algo relevante.”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

As respostas abertas destacaram o desconforto ao vivenciar ações preconceituosas em relação ao cabelo afro. Os participantes relataram situações em que o cabelo crespo ou o uso de penteados como o Black Power foram alvo de críticas, sugestões de mudança ou questionamentos sobre sua adequação a determinados espaços, como, por exemplo, no ambiente de trabalho.

Tais episódios demonstram como o racismo se manifesta também no dia a dia, acontecendo não apenas por meio de ações diretas, como através da pressão para seguir certos padrões de beleza e da rejeição das características identitárias negras. Nilma Lino Gomes (2003) destaca essas ações como racismo estético, que age desqualificando atributos corporais da população negra, especialmente em sua forma natural, associando-os à ideia de desordem, desleixo ou inadequação.

Além disso, essas experiências revelam traços do racismo institucional,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

como explica Cida Bento (2002). Esse tipo de racismo se mantém mediante regras veladas e comportamentos que definem o que é considerado adequado em diferentes ambientes sociais e se perpetua em práticas sutis e normas não escritas que regulam as atitudes e a aparência. A exigência de que pessoas negras contenham ou disciplinem seus cabelos faz parte desse controle simbólico sobre os corpos racializados.

A vergonha e a baixa autoestima relatadas pelos participantes entram em consonância com os autores Frantz Fanon (1952) e Neusa Santos Souza (1983), que analisam os impactos subjetivos do racismo na constituição do *eu negro*. Quando a sociedade rejeita a estética negra, ela não só prejudica o reconhecimento da identidade, mas também o bem-estar psicológico e a autonomia estética das pessoas negras.

Na questão “Após ler o banner responda: Ele pode ser utilizado como instrumento no processo de empoderamento negro?” todos os participantes responderam sim. Esse dado demonstra que o conteúdo celebra trajetórias de figuras negras históricas e contemporâneas como: Carolina Maria de Jesus, Sônia Guimarães, Mae Jemison, Milton Santos e Nelson Mandela, ressaltando suas contribuições para a história em diversos âmbitos e destacando a existência de negros com seus cabelos afros e suas contribuições para a ciência, cultura, educação e justiça social.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2019), instrumentos pedagógicos que visibilizam a história e a estética negra são essenciais no processo de educação das relações étnico-raciais, especialmente em espaços formais de ensino. O banner, ao dialogar com o Black Power e a história de resistência negra, se apresenta como uma prática com grande potencialidade de atuar no fortalecimento da autoestima, na desconstrução do racismo estético e na formação de consciência crítica.

O resultado aponta que conseguimos promover o destaque da identidade negra em espaços de poder na sociedade. Essa prática reforça a representação positiva da população negra, ou seja, a elevação da autoestima e a construção da identidade por meio da valorização de personalidades negras. Desse modo, banners, murais e cartazes podem ser usados nos ambientes educacionais como ferramentas eficazes para a valorização da identidade negra e despertar do orgulho étnico-racial.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

Durante o período de exposição do banner, foi possível observar o interesse de alguns dicentes em parar e ler as informações, o que indica que essa prática pedagógica provocou o interesse e curiosidade dentro e fora do público-alvo. De acordo com Gomes (2019), instrumentos pedagógicos que visibilizam a história e a estética negra são essenciais no processo de educação das relações étnico-raciais, especialmente em espaços formais de ensino, o banner comprovou esta afirmação. As percepções provocadas pela parte expositiva e aprofundadas nas respostas do formulário também foram essenciais para entender como os participantes associam o cabelo ao processo de empoderamento. O quadro a seguir organiza algumas dessas falas.

QUADRO 6 *- Para você, que importância tem o cabelo no processo de empoderamento de pessoas pretas e pardas?*

Eixo temático	Elemento de análise	Fragmento discursivo (fala do participante)
Identidade e autoestima.	Cabelo como parte importante da identidade	"É uma parte importante da nossa identidade. Eu mesma me vejo de forma diferente depois de ter passado pela transição capilar... o cabelo é extremamente importante no processo de empoderamento..."
Resistência e ancestralidade.	Cabelo como simbolismo de resistência.	"… o cabelo negro não é apenas pela estética... mas ele é também simbolismo de resistência, identidade e ancestralidade."
Poder e aceitação pessoal.	Cabelo como símbolo de resistência e aceitação.	"O meu/seu/ nosso cabelo é a nossa identidade, é a nossa essência... símbolo de resistência, aceitação. O meu cabelo tem poder e me leva há lugares... importantíssimo para o processo de empoderamento!"

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

Com os dados destacados na tabela 7, as respostas revelam que o cabelo é um elemento central na identidade da autoestima de pessoas negras. A transição capilar, o ato de parar de alisar o cabelo para deixá-lo natural, além de ser visto como um momento delicado, destaca que também é um momento de empoderamento e resistência com sua própria essência. Um dos participantes enfatiza "meu cabelo me leva a lugares que nunca imaginei", revelando ainda mais a ressignificação da estética negra, consoante ao que discutem Passos e Passos (2022) sobre protagonismo e identidade.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.11, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

***QUADRO 7**- Você acredita que sua área de estudo pode contribuir para a valorização da identidade negra? Se sim, descreva como?*

Eixo temático	Elemento de análise	Fragmento discursivo (fala do participante)
Educação como ferramenta de transformação.	Educação e linguagem como práticas sociais.	"Tenho a responsabilidade e a oportunidade de usar a educação e a linguagem como ferramentas de transformação social."
Psicologia como aliada na luta antirracista.	Psicologia e questões raciais.	"Considero que a Psicologia pode ser uma grande aliada nas lutas e causas raciais e sociais."
Práticas pedagógicas antirracistas.	Inclusão e valorização da cultura negra.	"Promovendo uma educação inclusiva, com práticas antirracistas, valorizando a cultura e a história negra e ensinando o respeito à diversidade desde a infância."
Resistência por meio da educação.	Superação de desigualdades históricas.	"Matemática é uma das maiores defasagens do povo negro nos estudos [...] o estudo é uma maneira de resistência e valorização da cultura e identidade negra."
Reconhecimento de lugar de fala.	Limites da contribuição de não negros.	"Eu, infelizmente, não tenho uma identidade negra e por isso acredito que não seria de grande ajuda para o movimento."

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025.

As respostas evidenciam que os participantes reconhecem suas áreas de estudo na valorização da identidade negra, principalmente por meio da educação, linguagem e do cuidado psicológico. Universitários de Pedagogia e Letras destacam a educação como ferramenta essencial de transformação, reforçando o que Fior (2022) aponta sobre o papel da escola na formação de identidades e na promoção de práticas antirracistas.

A Psicologia é mencionada como uma das áreas estratégicas e necessárias para acolher e compreender vivências racializadas, Ambrosio *et al.* (2022) defendem abordagens clínicas a sensíveis as experiências do racismo e as diversas consequências. Tendo a psicologia como uma das principais aliadas no combate ao racismo estético e fortalecimento de identidade negra.

Um dos participantes destaca a defasagem histórica do povo negro na área da matemática e ainda destaca o estudo como maneira de resistência, o que difunde a proposta de educação emancipatória, que busca reparar desigualdades e criar condições equitativas de acesso ao conhecimento.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

Por fim, destaca-se uma fala que reconhece o limite da atuação de pessoas não negras, o que demonstra a consciência crítica sobre lugar de fala, Como aponta Ribeiro (2017), entender o lugar de fala é reconhecer as posições sociais e históricas que cada sujeito ocupa sem que isso sirva como desculpa para silenciamento ou omissão, mas sim como ponto de partida para uma atuação mais consciente e comprometida com a equidade. O que mostra respeito e a importância de vozes negras nesse debate, contudo, não pode ser usado como bengala para se eximir na construção de práticas plurais na sala de aula que colaborem para o empoderamento de alunos brancos, negros, indígenas e de outras etnias e culturas que se fazem presentes na diversidade da sala de aula.

Essa variedade de opiniões e olhares de diferentes áreas de conhecimento reitera que o fortalecimento identitário não depende só da educação, como também de um todo um âmbito social comprometido em promover a aceitação e a valorização da estética negra, sobretudo, determinados em fazer uma educação inclusiva e não excludente, pluralista e não eurocêntrica, ou seja, que estejam dispostos a transgredir, como bem explicou Hoocks (2017).

5. Conclusão

Diante dos dados apresentados e das reflexões construídas ao longo deste artigo, é possível afirmar que o cabelo além de estética é símbolo de representatividade, identidade e ancestralidade, e a partir disso foi alcançado o objetivo de estabelecer diálogos acerca do cabelo afro nas práticas pedagógicas, com reflexões sobre a atuação do cabelo na construção de identidade negra e a partir de análises de representação no ambiente escolar/acadêmico, bem como suas implicações nas práticas pedagógicas. Apesar da relevância do tema, ainda há um déficit significativo de conhecimento em relação à identidade racial, empoderamento negro e a valorização de estética negra.

É alarmante constatar que grande parte dos participantes demonstrou o desconhecimento sobre a literatura étnico-racial e a importância do cabelo afro como símbolo de resistência e ancestralidade. Os dados demonstram que, embora a maioria dos participantes afirme gostar do seu próprio cabelo, esse sentimento é

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

atravessado por conflitos e influências de padrões eurocêntricos, rodeado de experiências preconceituosas e traumáticas em que a maioria já vivenciou ou presenciou episódios de desvalorização da estética negra, o que impacta diretamente a autoestima e o sentimento de pertencimento.

Esses dados tornam relevante toda a discussão sobre a importância das práticas pedagógicas em torno da estética negra, que não só deve ser estabelecida no ambiente escolar como também cotidianamente, nas mídias sociais, em casa, no trabalho, nos livros, capas de revistas, novelas e outros meios de comunicação de massa. Ademais, essas práticas devem ser estabelecidas desde muito cedo.

É evidente a necessidade de formação de futuros docentes, que carece muito de aprofundamento em temas étnico-raciais. A falta de profissionais preparados para lidar com questões raciais reforça ainda mais estereótipos e limita a construção de uma educação inclusiva. A escola tem um papel fundamental na formação dos alunos, não apenas o conhecimento acadêmico, mas a construção de identidade de cada um, logo, garantir a diversidade cultural e lutar contra o racismo e a discriminação é dever dos currículos escolares, a fim de promover uma educação inclusiva e igualitária.

Conclui-se que é fundamental investir em mudanças nos currículos institucionais que promovam não só a valorização de cabelo afro, como também a tudo que remete a estética negra, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. A criação do banner “Entre fios e Histórias: O Black Power na construção de identidades” é só um exemplo de prática pedagógica que traz destaque ao povo negro. Ação necessária para a construção de identidade e autoestima e promove uma reflexão crítica sobre o nosso lugar no mundo e sua importância, independente da raça ou classe social.

Para que os objetivos educacionais sejam alcançados é necessário que haja formação continuada de educadores que os prepare em relação ao tema, bem como a produção de materiais didáticos representativos, projetos de extensão e a construção de espaços seguros para o debate ético-racial. Para desconstruir o preconceito estabelecido sobre o cabelo que foge dos padrões eurocêntricos e de

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v11i1.4146

toda identidade negra precisamos de um compromisso coletivo que transforme e atinja todos os espaços em um território de reconhecimento, respeito, e construção de identidades negras livres de estigmas, para que as futuras gerações possam desfrutar de um ambiente antirracista e inclusivo.

Referências

AMBROSIO**,** Leticia et al. Cabelos crespos, tranças e Black Power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. ***Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN,*** v. 14, n. 39, p. 453–477, 2022. Disponível em: https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1274. Acesso em: 8 abr. 2025.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. ***Branqueamento e branquitude no Brasil: a questão racial em pauta***. São Paulo: CEERT, 2002.

BRASIL. ***Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008***. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...]. ***Diário Oficial da União: seção 1***, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. ***Resolução nº 674, de 6 de maio de 2022***. Dispõe sobre a ética na pesquisa com seres humanos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022.

FANON, Frantz. ***Pele negra, máscaras brancas***. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. (Obra original publicada em 1952).

FIOR, Marcela Morais Dal. A importância da Literatura Afro-Brasileira para crianças [...]. ***Anais da Semana da Pedagogia***, n. 7, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/semap/article/view/39456. Acesso em: 8 abr. 2025.

GIL, Antonio Carlos. ***Métodos e técnicas de pesquisa social***. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. O corpo negro na escola: educação, identidade e a questão racial. ***Revista Brasileira de Educação***, v. 8, n. 23, p. 117–126, 2003.

GOMES, Nilma Lino. ***Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra***. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. ***Educação e identidade negra: repensando caminhos***. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GUIMARÃES, Paulo Ricardo B. ***Estatística e pesquisa de opinião – 1ª parte***. Curitiba: UFPR, 2017.

HALL, Stuart. ***A identidade cultural na pós-modernidade***. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. ***Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade***. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LINHARES (Município). ***Economia***. Linhares/ES: Prefeitura Municipal, [s.d.]. Disponível em: https://linhares.es.gov.br/economia/. Acesso em: 16 abr. 2025.

METRÓPOLES. Professora aconselha aluna a alisar cabelo crespo por ser "bagunçado". ***Metrópoles***, 2021. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/professora-aconselha-aluna-a-alisar-cabelo-crespo-por-ser-baguncado. Acesso em: 5 dez. 2024.

MUNDO NEGRO. A Justiça condenou professora que afirmou que o cabelo de estudante negra cheirava mal. ***Mundo Negro***, 2024. Disponível em: https://mundonegro.com.br/justica-condena-professora-que-afirmou-que-cabelo-de-estudante-negra-cheirava-mal/. Acesso em: 5 dez. 2024.

PASSOS, Leandro; PASSOS, Luana. Tayó e Akin: infâncias no espaço (não) escolar na literatura para crianças e jovens. ***Caderno Seminal. Estudos de Literatura***, n. 41, p. 530–569, 2022.

RIBEIRO, Djamila. ***O que é lugar de fala?*** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, André Luiz; OLIVEIRA, Mayara de; SANTOS, Pollyana Kelly. ***Manual de pesquisa qualitativa: práticas para o dia a dia da pesquisa***. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2021.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fátima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. A pesquisa qualitativa no ensino superior. ***Revista Prisma***, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154–174, 2021.

SILVA, Ayodele Floriano; LUIZ, Maria Fernanda; ABRAMOWICZ Anete. Literatura infantil e juvenil negra: o lugar da menina negra. ***Zero-a-seis***, v. 24, p. 5, 2022. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8729869. Acesso em: 8 abr. 2025.

SOUZA, Neusa Santos. ***Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social***. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021. (Obra original de 1983).